



O sionismo de Ahad Haam e sua relação com a língua hebraica

El sionismo de Ahad Haam y su relación con la lengua hebrea

Gabriel Steinberg*

Resumo: Ahad Haam, literalmente "um do povo", é o pseudônimo literário de Asher Zvi Hirsch Ginsberg, um dos mais importantes pensadores judeus da passagem do século 19 para o século 20 além de destacado ativista e líder político que influenciou de forma marcante o movimento sionista. Também desempenhou papel relevante no renascimento da Língua Hebraica. Nascido na Ucrânia, na época do Iluminismo judaico no Leste da Europa, tornou-se conhecido como o fundador do sionismo cultural ou espiritual.

Palavras-chave: Sionismo. Ídiche. Hebraico.

Resumen: Ahad Haam, literalmente, "uno del pueblo" es el seudónimo de Asher Zvi Hirsch Ginsberg. Fue uno de los más importantes pensadores judíos del pasaje del siglo 19 para el siglo 20, además de destacado activista y dirigente político, que influyó notablemente el movimiento sionista, y también jugó un importante papel en el renacimiento de la lengua hebrea. Nacido en Ucrania en la época de la Ilustración judía de Europa del Este, es conocido también como el fundador del sionismo cultural o espiritual.

Palabras-clave: Sionismo. Yiddish. Hebreo.

Ahad Haam, literalmente "um do povo",¹ é o pseudônimo literário de Asher Zvi Hirsch Ginsberg, um dos mais importantes pensadores judeus da passagem do século 19 para o 20. Foi também um destacado ativista e líder político que influenciou de forma marcante o movimento sionista e que teve importante contribuição para o renascimento da Língua Hebraica. O escritor nasceu na Ucrânia em 1856 e faleceu em Israel, então Palestina, em 1927. Tornou-se conhecido na segunda metade do século 19 como o fundador do chamado "sionismo cultural" ou "sionismo espiritual", movimento que pregava a criação em primeiro lugar de um centro espiritual para o povo judeu na Terra de Israel, dando destaque a uma experiência renovada que representaria um novo nascimento, ou seja, o surgimento de um novo judeu que valorizaria acima de tudo o trabalho físico juntamente aos esforços educacionais e culturais.

O surgimento de uma nova geração daria concretização a um sonho: o povo judeu perseguido nas diferentes diásporas durante dezoito séculos seria



unificado e seu espírito nacional seria renovado em sua terra ancestral. Esse sentimento emanaria a partir do centro espiritual para todas as direções da Diáspora, na qual a assimilação era vista no final do século 19 como um perigo real e destrutivo. Essa assimilação seria detida a partir do centro cultural surgido na terra renascida.

Ahad Haam acreditava que mesmo se fosse possível, no século 19, absorver a todos os judeus na Terra de Israel como os demais líderes sionistas propunham, isso não resolveria os problemas políticos, econômicos, identitários e culturais do povo como uma entidade única se não fosse considerado, em primeiro lugar, o aspecto espiritual e cultural. No entanto, ele acreditava no futuro crescimento da população judaica reunida em Eretz Israel, o que engendraria o estabelecimento de uma entidade política autônoma: o Estado judeu, onde a liberdade cultural e nacional seriam possíveis somente após a remodelação completa do ser judeu diásporico e do surgimento de um novo ser humano exemplar. Com sua visão secular de um centro espiritual judaico na terra ancestral, Ahad Haam contrapôs-se às ideias de Theodor Herzl, o fundador do sionismo político com o qual teve sérias desavenças ideológicas. À diferença de Herzl, que propunha, em 1896, a criação imediata de um estado judeu como uma entidade política destinada a absorver a todos os judeus perseguidos pelo flagelo do antissemitismo, Ahad Haam defendia uma experiência inusitada: a criação de "um Estado judeu e não de um mero Estado de judeus" como entendia a proposta de Herzl.

Nascido como a maior parte dos judeus do Leste da Europa num lar religioso, ainda jovem, Ahad Haam afastou-se do mundo da tradição e mudou-se para Odessa,² o mais importante centro do movimento iluminista judaico do Império Russo, local em que atuaram os mais renomados escritores e pensadores judeus da época como Bialik, Klausner e Mêndele Môikher Sfórim. Em 1907, mudou-se para Londres, onde continuou atuando como destacado líder sionista. Visitou várias vezes a Palestina onde pode comprovar pessoalmente os avanços da empreitada sionista e estabeleceu-se definitivamente em Eretz Israel no ano de 1922, quando passou a residir em Tel Aviv, a primeira cidade hebraica da era moderna. Nessa cidade, acabou se convencendo que a empreitada sionista já era então um movimento que não mais podia ser detido, era uma realidade que atraía milhares de judeus do mundo todo. Foi em Tel Aviv que ele realizou sua atividade política e literária e ali ele faleceu em 1927.

A atuação política de Ahad Haam teve início e seu ponto marcante em 1889 quando publicou em Odessa no jornal em língua hebraica *Hamelits*³ seu texto manifesto de grande repercussão intitulado *Lo ze aderech* (Não é este o caminho). No manifesto, ele fazia um chamado para uma mudança radical no



caminho trilhado até então pelo movimento dos *Hovevêi Tsion*,⁴ o movimento dos Amantes de Sion, as associações de jovens idealistas que antes de Herzl já pregavam o retorno em massa dos judeus perseguidos para sua terra ancestral. Ahad Haam se posicionou em princípio contrário a essa pregação pois enxergava nessa atitude apenas um transplante dos judeus de um lugar em outro local sem analisar e nem corrigir seu rumo e sua natureza. Segundo ele, a Terra de Israel não podia ser vista como uma solução para os problemas existenciais e econômicos enfrentados pelos judeus.

Eretz Israel não poderia e nem deveria ser vista como um refúgio físico diante das calamidades da dispersão. A pátria devia ser vista como uma solução para as questões culturais e espirituais do povo perseguido e uma solução também à assimilação crescente daqueles que imaginavam que o antissemitismo se extingiria quando os judeus deixassem a sua religião e se inserissem como iguais nas sociedades da Europa circundante. Imigrar em massa para o Oriente levando para lá a língua da diáspora, os costumes e modo de vida diaspóricos, representavam para Ahad Haam um retrocesso e não uma solução mais ampla para a questão judaica como um todo.

Em seu texto manifesto, *Lo ze haderech*, insistiu que os *Hovevêi Sion* deveriam reconsiderar a ênfase na real colonização da Terra de Israel. Seu propósito não era apenas adiar a colonização até que fossem obtidas dos turcos as garantias diplomáticas e jurídicas no sentido de possibilitar o surgimento de um agrupamento judaico ordenado e legalmente reconhecido, senão que era preciso segundo Ahad Haam:

Assegurar que o espírito nacional do povo judeu estivesse plenamente inflamado. Nem vinte colônias agrícolas, nem mesmo cem, poderiam automaticamente efetuar nossa salvação espiritual. Retornemos então à perspectiva adequada, de trabalhar e fortalecer o ideal da unificação espiritual, até chegar o dia em que possa ser transformado em realidade. (SACHAR, 1989, p. 56)

Esse posicionamento despertou o ressentimento por parte dos integrantes dos *Hovevêi Sion* em 1889. Em dois relatos posteriores, Ahad Haam se debruçou sobre a precariedade da vida judaica na Terra de Israel. No final do século 19, a comunidade judaica em Eretz Israel era formada pelos integrantes do velho assentamento judaico submerso à miséria e a esses se somaram os imigrantes que começaram a chegar em 1881 a partir da Primeira *aliá*, a primeira onda



imigratória judaica na era moderna. Esses relatos provocaram ainda mais críticas. Seu manifesto intitulado *Emet meEretz Israel* (A verdade da Terra de Israel) reúne dois artigos publicados após duas viagens que Ahad Haam realizou à Terra de Israel em 1891 e 1893. Nos dois relatos, ele critica a dura realidade que encontrou e as enormes dificuldades vividas pelos judeus idealistas e os antigos moradores do país. No primeiro artigo, editado após seu retorno a Odessa em 1891, numa visão crua e realista, ele retrata a pobreza econômica e espiritual na qual se encontravam os membros do *Ishuv*. Em seu texto, esse retrato é marcante:

Encontro-me triste após ter percorrido a Terra de Israel e depois de ter visto o que presenciei em Jaffa e também nas colônias agrícolas. Cheguei na véspera de Pessach a Jerusalém, para despejar minha tristeza e raiva diante das “árvores e pedras, vestígios da nossa grandeza de dias passados. O ponto inicial deste meu percurso por Jerusalém se deu no Kotel, o Muro Ocidental, ali encontrei a muitos de nossos irmãos, moradores de Jerusalém rezando em alta voz. Seus rostos humildes, seus movimentos estranhos e suas vestimentas precárias, tudo combinava com a imagem terrível do Kotel. E eu ali parado os observava e observava o Muro, e um único pensamento invadiu por inteiro meu coração: estas pedras são o testemunho da destruição da nossa terra e estas pessoas, o testemunho vivo da destruição do nosso povo; qual das duas destruições é maior? Por qual das duas destruições deveríamos chorar de forma mais intensa? Se a terra tivesse sido destruída, porém o povo estivesse ainda cheio de vida e força, poderiam se levantar novamente Zerubavel, e Ezra e Nehemias, e o povo se ergueria e voltaria a reconstruir a terra pela segunda vez. Porém a um povo que se encontra destruído, quem o ajudará e de onde virá sua salvação?⁵

Dois anos depois, em 1893, Ahad Haam realizou a segunda viagem à Terra de Israel e novamente não poupou críticas diante da dura realidade que voltou a encontrar. Se em 1891 ele chegou a Jerusalém na véspera de *Pessach*, dessa vez ele aportou na cidade antes do dia nove do mês judaico de *Av*, data de luto pela destruição dos Templos em Jerusalém e por outras calamidades ocorridas na



história judaica. Se na primeira viagem a percepção da precariedade da vida judaica em Eretz Israel era pessoal, dessa vez a visão que encontrou, era segundo o mesmo, uma percepção coletiva. Somente uma nova educação hebraica seria capaz de redimir os judeus da vida miserável que levavam na Terra de Israel. É interessante observar o que Ahad Haam apontou em relação à situação da língua hebraica, nesse então pobre, artificial e pouco funcional. Crítico, porém realista, seu relato é contundente e importante para entender o panorama do final do século 19 na Palestina sob o domínio do Império Turco decadente e, ao mesmo tempo, serve para elevar a estatura de Ahad Haam como alguém que vislumbrava a possibilidade de mudança e redenção nacional. Este é seu registro:

Ao observar de perto a educação nacional hebraica temos que lamentar nossa situação e fraqueza, porém devemos elevar nossa visão para o futuro e acreditar que uma nova geração melhor e mais forte surgirá e caminhará na trilha que nós desejamos, pois a educação das crianças de forma adequada e de acordo com nossos objetivos, é uma das metas mais nobres da nossa ação. Nos últimos anos nos convenceram que as escolas de Eretz Israel são as mais adequadas pois elas fornecem aos estudantes uma educação nacional hebraica aliada a conhecimentos gerais. No entanto, a situação não é essa. Existem em Eretz Israel duas classes de escolas: aquelas que foram fundadas por nossos irmãos da Europa Ocidental antes ainda do despertar do movimento de libertação nacional, e aquelas escolas que foram fundadas depois, em especial nas colônias agrícolas. Nas primeiras se coloca ênfase na educação geral e no estudo das línguas européias, porém com relação à educação hebraica, estas escolas não se mostram melhores que as escolas deste tipo existentes na Europa e por isso, a maior aspiração dos seus discípulos ao concluir o colégio é sair em direção ao mundo mais amplo. Já o segundo grupo de escolas se vangloria de ensinar de acordo com o despertar nacional, e seus apoiadores enxergam este espírito na fala hebraica e no ensino de todas as ciências exclusivamente em hebraico. De longe, esta postura mostra-se bela e agradável, porém quem se aproxima desta experiência percebe como tanto os professores como seus discípulos gaguejam pela falta



de palavras e expressões. Quem observa percebe imediatamente que este tipo de fala hebraica é incapaz de despertar algum sentimento de admiração e amor tanto no coração do falante como daquele que o escuta em relação a esta língua restrita, e que toda criança que estuda o francês concomitantemente, percebe as amarras artificiais que lhe impõe esta fala em hebraico. Porém mais daninho que a fala propriamente dita, pior é o dano que causa o estudo das diferentes ciências em hebraico. Não possuímos bons livros de estudo, não apenas para as ciências em geral senão que também para os estudos judaicos. Os professores traduzem eles mesmos dos livros de estudo em línguas européias e ensinam o que traduziram a seus alunos oralmente. Fica claro que não é todo professor que tem a capacidade de traduzir e criar novos termos quando estes não existem em hebraico, e esta árdua tarefa obriga o professor a resumir o máximo possível. Ele também não pode ampliar os assuntos que leciona nem por escrito e nem oralmente, pois a tradução do que ele se prontifica a ensinar deve ser feita exclusivamente em hebraico. Desta forma as crianças saem das escolas com conhecimentos reduzidos e simplificados e toda a bagagem cultural que conseguem adquirir forma apenas retalhos de uma cultura geral e hebraica que os mesmos não conseguem reter de forma adequada.⁶

Seus críticos questionavam sua visão romântica no sentido de como seria possível iniciar um renascimento cultural sem uma base econômica e social fortes e uma infraestrutura política consolidada antes disso. Com o passar do tempo, a visão de Ahad Haam foi mudando conforme se intensificou a imigração para a Terra de Israel e foi aumentando a colonização agrícola até passar a concordar que era importante a contribuição dos imigrantes para a consolidação de uma vida judaica plena em Eretz Israel. Não renunciou, no entanto, à ideia da criação do centro cultural e espiritual nacional que teria por objetivo provocar o renascimento de um judaísmo revigorado e transformado em todas as comunidades da diáspora.

O impacto de suas ideias mesmo que polêmicas teve repercussão ampla no *Ishuv*, em especial entre os jovens e nos círculos intelectuais. Ahad Haam fundou a primeira escola em língua hebraica em Jaffa e depois várias bibliotecas



hebraicas em todo o país. Foi também o responsável pela abertura de externatos seculares em língua hebraica na Rússia e também pela fundação da influente Companhia Editorial em língua hebraica, a Achiasaf,⁷ ainda em Odessa na Europa. A visão de Ahad Haam foi se adequando à realidade do final do século 19 com o sionismo dinâmico e ativista de Theodor Herzl que pregava pela soberania política e despertava as massas na Europa. A visão de Ahad Haam frente à concepção de Herzl mostrava-se muito austera e atraente apenas para alguns seguidores. Mesmo assim não silenciou e não renunciou a suas convicções. Criticou a falta de conteúdo hebraico e judaico no *Der Judenstaat* (*O Estado dos judeus*), publicado por Herzl em 1896, um ano antes do 1º Congresso Sionista, que, a título de exemplo, colocava em questão onde deveria ser criado o tão almejado Estado judaico, se na Palestina ou na Argentina, e ainda deixava claro que a língua hebraica era inviável para se tornar a língua falada nesse Estado a ser constituído.

Após a realização do 1º Congresso Sionista na Basileia, Suíça, em 1897 no qual compareceu como visitante e não como delegado, Ahad Haam insistiu que o sionismo político tal qual apregoado por Herzl mostrava-se uma invenção artificial de judeus ocidentais e com isso se transformou num respeitado porém temido crítico da proposta de Herzl e de seus seguidores. A crítica de Ahad Haam não demorou a aparecer quando ele se referiu de forma direta às ideias de Herzl e às propostas do próprio Congresso Sionista de 1897 afirmando que: “Um Estado não se cria desde o ar ou através da magia da diplomacia. Um Estado que surgir de tal forma se provará um fenômeno efêmero já que uma unidade política necessita da infraestrutura sócio-cultural”. (AVINERI, 1983, p. 135). Ahad Haam criticava também as ideias de Herzl que propunha a criação de um Estado judeu no qual todos falariam alemão, francês ou russo de acordo com seus países de origem e no qual iriam florescer a ópera italiana e o teatro alemão. Um Estado de alemães ou franceses de fé judaica não poderia se configurar aos olhos de Ahad Haam num Estado judaico viável e pleno.

Quando Herzl publicou seu livro *Altneuland*,⁸ em 1902, Ahad Haam apressou-se em demonstrar seu desprezo pela visão de Herzl da criação na terra ancestral, de uma sociedade poliglota europeizada conforme Herzl previa, já que os personagens do romance se comunicam em alemão, ídiche e hebraico e adotam valores da cultura europeia numa posição intermediária entre o socialismo e o capitalismo, o que para Ahad Haam demonstrava o fracasso de um projeto que devia redimir o povo por inteiro e não perpetuar, na velha e nova pátria, a experiência traumática do que fora a vida judaica na Europa. Como se sabe, Herzl faleceu de esgotamento físico em 1904 e sua morte prematura causou comoção no mundo judaico e sionista e arrefeceu os ânimos também do combativo Ahad Haam.



Em 1897, Ahad Haam publicou um importante manifesto em *Haschiloah*,⁹ jornal em língua hebraica de Odessa, intitulado *Medinat hayehudim vetsarat hayehudim* (O Estado judeu e o problema judaico). Nesse manifesto, publicado após a realização do 1º Congresso Sionista da Basiléia, Ahad Haam rejeitou a proposta de uma entidade política judaica. O que ele propunha para o povo era a criação na terra ancestral de condições adequadas para o desenvolvimento de uma comunidade de hebreus honestos e trabalhadores que possam se dedicar a todas as profissões, desde os trabalhos agrícolas às artes e até ao trabalho da criação cultural e à literatura. Essa comunidade seria formada por etapas se transformando com o passar do tempo no centro da nação, lugar no qual se daria a redenção espiritual que se desenvolveria em todas as suas potencialidades chegando à mais elevada completude.

A partir desse centro, sopraria o espírito do judaísmo para todas as comunidades da diáspora com o intuito de mantê-las vivas cuidando de sua unidade. Então, quando a nova cultura nacional em Eretz Israel chegasse a esse patamar elevado, ele dizia que “poderemos confiar que ela mesma possibilitará o aparecimento de homens capazes que saberão no momento mais propício, fundar ali um Estado, não apenas um estado de judeus mais sim um Estado judaico verdadeiro”. (Ahad Haam, *Medinat hayehudim vetsarat hayehudim*, p. 13).

Segundo Ahad Haam, o segredo da existência milenar judaica estava na força espiritual como ocorreu na época dos profetas bíblicos e não na força bruta ou militar e por isso não ocorreu com o povo judeu a mesma coisa que ocorreu com os outros povos da Antiguidade, quando entidades políticas inteiras foram esmagadas pela força de povos inimigos mais fortes militarmente que levaram ao desaparecimento de todos aqueles que lhes demonstraram oposição por terem exércitos maiores e mais poderosos. Somente a força espiritual permitiu a sobrevivência do povo judeu. Mais ainda, Ahad Haam criticava a entidade política a ser criada conforme pregava Herzl dizendo:

A idéia de uma entidade política que não se apóie numa cultura nacional, é capaz de levar o povo a retroceder, a renunciar a sua força espiritual em detrimento do uso da força concreta para exigir uma unidade governamental e desta forma será quebrada a ligação que une o povo ao passado, e a base histórica sobre a qual o povo se sustentou ao longo dos séculos da dispersão será perdida. Não é necessário acrescentar que se a idéia da criação de um Estado não se concretizar, as conseqüências deste fato serão muito entristecedoras levando o povo inteiro a uma



situação inédita em que ele aparecerá sem rumo certo, literalmente “Kereach mikán umikán” (Calvo daqui e de lá). (Ahad Haam, *Medinat hayehudim vetsarat hayehudim*, p. 13).

Em 1897, não apenas a criação de um Estado era vista por Ahad Haam com ressalvas e até como uma utopia senão que se essa entidade fosse mesmo criada, segundo suas palavras, não haveria pessoas apropriadas imbuídas do espírito judaico verdadeiro capazes de dirigi-la. Segundo ele, o povo encontrava-se a tal ponto deteriorado moralmente por tantos séculos de dispersão e não apenas o povo, mas também seu espírito encontrava-se separado e disperso, fato este que colocava o judaísmo em grave perigo. A assimilação estava levando o povo judeu ao desmoronamento. Esse mesmo espírito que manteve o povo unido por séculos e garantiu a sua sobrevivência em meio às adversidades, encontrava-se no final do século 19 diante de graves ameaças. Ahad Haam não conseguia enxergar quem iria salvar a cultura judaica naquele momento e por isso ele passou a se remeter ao passado para esclarecer os motivos pelos quais naquele momento ele não acreditava numa solução política para a questão judaica ao afirmar o seguinte:

Todos os notáveis do povo são atualmente indivíduos distantes do judaísmo e que não tem noção da grandeza e do valor espiritual desta cultura milenar. Estes indivíduos mesmo sendo filhos fiéis à idéia do Estado e mesmo que estejam empenhados em alcançar sucesso nesse projeto, a verdade é que o programa que eles propõem somente será alcançado nos moldes da cultura estrangeira que eles mesmos possuem e pela qual eles se guiam, e por meio do uso de sua influência ou pela força eles tentarão impô-la no novo Estado de tal forma que o sonhado Estado judeu será, na verdade, um Estado de alemães ou franceses de origem judaica. Um pequeno exemplo histórico nos ensina que nos dias dos reis da dinastia de Herodes, a terra de Israel era um Estado judeu em todos os quesitos. No entanto, a cultura nacional era desprezada e até perseguida pois os reis faziam tudo o que estava a seu alcance para impor no país a cultura de Roma, construindo templos aos desuses pagãos. Um Estado judeu que seguir este modelo representará na verdade, a



morte de nosso povo pois seu espírito se transformará em pó. Este será um Estado pequeno e fraco e será visto com desdém pelos seus poderosos vizinhos e somente poderá resistir se se submeter aos jogos políticos comandados pelos poderosos do cenário regional. (Ahad Haam, *Medinat hayehudim vetsarat hayehudim*, p. 14)

Para Ahad Haam, um estado com essas características seria incapaz de encher de orgulho a nação e sua cultura nacional. Ele acreditava que um Estado assim iria manter os judeus como um povo pequeno e desprezível, submisso em seu espírito a nações poderosas. Possuir um Estado com essas características, dizia ele, não acrescentaria nada a sua longa história em que sempre os judeus foram vistos como um povo antigo e em alguns momentos até como uma “luz para as outras nações”. Para ter esse fim, Ahad Haam questionava se não seria preferível que o povo judeu tivesse desaparecido da história já que sem uma remodelação total de sua cultura, criar um Estado se mostrava uma solução paliativa e não uma reviravolta histórica capaz de redimir o povo a seus próprios olhos e aos olhos do mundo todo. Por isso ele insistia num processo de redenção gradual, processo este que iria se irradiar do centro para as comunidades da diáspora da seguinte forma:

Este assentamento judeu que irá crescendo gradualmente, se converterá com o decorrer do tempo no centro da nação, no lugar no qual seu espírito encontrará sua expressão mais pura e florescerá em todas as áreas até alcançar o mais alto grau de perfeição do qual seja capaz de conquistar. Então desde este centro, o espírito do judaísmo chegará a todas as comunidades da diáspora, lhes injetará nova vida e ajudará a preservar a sua unidade. E quando nossa cultura em Palestina tenha alcançado este nível, então poderemos confiar que surgirão homens e mulheres capazes de estabelecer numa oportunidade mais favorável, um verdadeiro estado judeu. (AVINERI, 1983, p. 135)

A luta de Ahad Haam pela criação de um centro cultural e espiritual antecedendo o estabelecimento de uma entidade política na Palestina, não o impediu de engajar-se numa outra frente de batalha: sua luta ferrenha pelo



renascimento do hebraico falado e pela transformação da língua ancestral em língua nacional, expressão máxima do renascimento cultural e político. Ahad Haam viveu numa época conturbada em que se travou uma luta curiosa entre os defensores do ídiche, língua judaica surgida na Idade Média na Alemanha e que era falada pela grande maioria dos judeus da Europa Central e Oriental, e os defensores do hebraico, língua milenar judaica que deixara de ser utilizada no século 2 da Era Comum e desde então transformara-se em língua dos estudos e da oração, *Lashon Hakodesh*, a língua sagrada como a ela se referiam os judeus ainda no século 20. Nesse sentido, Ahad Haam se envolveu numa intensa disputa em defesa da língua que se iniciou na Europa em 1908.

Entre os dias 30 de agosto e 03 de setembro de 1908, foi realizada na cidade de Czernowitz (naquela época Romênia e hoje Ucrânia), a primeira conferência internacional que tinha como ponto central a discussão da importância da língua ídiche denominada *Veidat Haleshonot* (a Conferência das Línguas). Essa conferência foi convocada por iniciativa dos ativistas Natan Birenboim, Chaim Zhitlovsky, David Pinsky e o escritor I. L. Peretz. A conferência que tinha sido realizada para debater a questão linguística no mundo judaico, acabou por trair parte de seus organizadores quando ao final dela, foi emitida uma declaração controversa que expôs a disputa acirrada que era travada na época entre os apoiadores da língua ídiche e seus mais ferrenhos opositores, ou seja, os falantes cada vez mais numerosos da língua do renascimento nacional: a língua hebraica. A conferência serviu de cenário para o movimento idichista demonstrar sua oposição não apenas à língua hebraica, mas também ao movimento sionista e ao projeto da criação de um Estado em Eretz Israel.

Por séculos, o ídiche e o hebraico conviveram como línguas de usos diferentes porém como patrimônios culturais dos judeus na Europa Central e Oriental. Para entender o curioso conflito intitulado *Riv Haleshonot* (o conflito das línguas), é preciso retroceder para a segunda metade do século 19 quando surgiu o conceito do *idichismo* criado por Hirsch David Nomberg (1876-1927), escritor e líder político judeu polonês que escreveu inicialmente em hebraico, língua que também lecionava já que era professor, mas que posteriormente passou a escrever em ídiche. Foi ele quem atribuiu ao conceito de *idichismo* um caráter revolucionário. O movimento *idichista* pretendia redimir o ídiche e retirá-lo do lugar de “jargão” ao qual tinha sido relegado, elevando-o como língua de expressão de uma cultura judaica renovada e moderna.

Nomberg foi um dos idealizadores da Conferência de Czernowitz de 1908 e nela tentou conciliar as posições antagônicas que foram tomadas em relação ao hebraico e ao ídiche. Posicionou-se próximo de Matitياهو Maizes que afirmou que era impreciso e humilhante denominar o ídiche de jargão pois o hebraico



era “a língua dos livros e não estava apto para ser a voz da rua e da vida, o hebraico é uma língua vazia de conteúdo moderno e com ela é impossível criar literatura elevada. Faltam a ela espírito e a conjunção entre alma é língua”. (BEN YAACOV, 2008, p. 1).

Em 1897, foi convocado por Theodor Herzl o 1º Congresso Sionista da Basileia, passo esse que sedimentou o caminho para o fortalecimento da língua hebraica pois os sionistas encararam o despertar do hebraico falado como um elemento indispensável para o renascimento político nacional mesmo que um ano antes, em 1896 ao publicar sua obra *Der Judenstaat*, Herzl tenha duvidado da possibilidade do hebraico ser transformado em língua de comunicação corrente no Estado judaico que ele estava propondo. No mesmo ano, no entanto, foi fundada em Vilna o movimento *idichista* chamado *Bund*, com o intuito de lutar pela elevação cultural da língua ídiche ao mesmo tempo em que se opunha de forma ferrenha à língua hebraica e ao projeto político do renascimento nacional. Efetivamente, a virada do século 19 para o século 20 viu um florescimento cultural ídiche que se manifestou na literatura, no teatro, na música e na publicação de jornais nesta língua em especial no Leste da Europa.

Em 1904, uma associação cultural sediada em Nova Iorque e liderada por Chaim Zhitlovsky chegou a proclamar o ídiche com a “língua nacional do povo judeu”. Essa mesma posição foi adotada por Zhitlovsky na conferência de Czernowitz de 1908. Frente a essa postura, se sublevaram em especial os sionistas. Ahad Haam chegou a afirmar:

Não existe nenhuma outra língua nacional a não ser o hebraico. Eis que agora se levantam entre nós pessoas que pretendem elevar este jargão entre o povo de Israel ao patamar de uma língua nacional. Esta pretensão não tem nenhum fundamento. (BEN YAACOV, 2008, p. 2).¹⁰

O momento de cisão entre as duas línguas chegou a um ponto culminante durante a mencionada Conferência de Czernowitz de 1908. Essa conferência que tinha por intuito promover um evento histórico e cultural ocorreu num momento em que as duas línguas passavam por um processo de renovação e renascimento, acabou por motivos políticos criando um acirramento entre os defensores das duas línguas colocando-os em polos antagônicos. Na conferência que inicialmente foi convocada para debater assuntos pertinentes ao momento histórico que estava vivendo o ídiche, acabou por dividir os participantes: Nomberg, Zhitlovsky e o escritor Shalom Asch sustentaram que:



“o ídiche é a língua nacional do povo judeu”. Já a respeito da posição do hebraico disseram que “cada um está livre para pensar como quiser”. No mesmo pronunciamento, os *idichistas* chegaram a apoiar a excomunhão e a proscrição da língua e da cultura hebraicas.

Diante do acirramento de posições o escritor I. L. Peretz se mostrou em ídiche uma voz contrária a tal medida extremada defendendo a convivência entre as duas línguas. Na Conferência ele afirmou:

Nos reunimos aqui para um trabalho prático em prol da língua ídiche. Nossa língua nacional é o hebraico e nossa língua popular é o ídiche. Língua nacional eu chamo àquela língua que nasceu juntamente com a nação e ela somente pode desaparecer com o declínio da própria nação. A língua do povo é a que num período histórico se transformou em língua falada de uma determinada parte do povo judeu, uma língua que não apareceu concomitantemente com o povo judeu e cujo destino não está organicamente ligado com o destino do povo. (BEN YAACOV, 2008, p. 3)

Ao final da Conferência de Czernowitz e mesmo com vozes contrárias, foi adotada a polêmica decisão que colocava em patamar elevado o ídiche em detrimento do hebraico:

A Conferência reconhece o ídiche como a língua nacional do povo judeu e por essa razão a declaração final insta a que se outorgue a esta língua uma posição de igualdade assim como direitos políticos, sociais e culturais. A Conferência deixa claro com uma ressalva que a relação com o hebraico permanece aberta a cada participante deste evento de acordo com seu gosto e idéias. (BEN YAACOV, 2008, p. 3).

A reação não demorou a aparecer e os ânimos se acirraram mais ainda no mundo judaico da Europa Oriental, em Eretz Israel e nos Estados Unidos. Um dos mais ferrenhos opositores à decisão aprovada em Czernowitz foi Ahad Haam que publicou em 1910 um importante artigo a esse respeito no jornal



Haschiloah intitulado *Riv Haleshonot* (A disputa das línguas). Ahad Haam entendeu as motivações políticas por trás dessa discussão, no entanto, o mais grave para ele era o simples fato da existência de uma nação milenar que chegou ao século 20 e que ainda não sabia qual deveria ser considerada sua língua nacional. Ele via nesse fato um retrocesso e mais uma prova da crise social, cultural e até mesmo existencial do povo judeu e que ele vinha apontando com veemência desde o final do século 19. Ele continuou referindo-se ao ídiche como sendo um jargão mesmo após a Conferência de Czernowitz, e previu que este estava condenado a desaparecer em duas ou três gerações, pois, segundo ele, essa língua estava fadada a morrer. Mal sabia ele que poucas décadas depois de sua previsão fatalista, o nazismo iria dizimar milhões de falantes do ídiche e com eles a própria língua. Mesmo que Ahad Haam reconhecesse a contribuição do ídiche e sua importância como língua popular ao longo dos últimos séculos, para ele, uma língua sem história não podia nunca ser considerada uma língua nacional.

A análise que Ahad Haam traça em *Riv Haleshonot* é contundente. Ele afirma que desde a época do Segundo Templo quando em 135 da Era Comum os judeus perderam o território, eles internalizaram que a religião, a cultura, a literatura e a língua eram elementos destinados a mantê-los unidos enquanto eles eram levados para o exílio. Para continuar existindo sem a base territorial, a religião aprendeu a viver sem o Templo e sem os preceitos que estavam vinculados diretamente à terra, a literatura e a poesia se desvincularam de todos os elementos que as ligavam diretamente à terra e à natureza de Israel e a língua relegou a fala a um espaço reservado e recôndito, entendendo que a “língua sagrada” não podia ser utilizada num ambiente estranho e em terras estrangeiras. Para Ahad Haam, o povo se preparou como um viajante que, antes de partir, acondiciona sua carroça para que esta pudesse superar os percalços da viagem, e nela colocou todos os pertences imprescindíveis para sua sobrevivência em terras desconhecidas. Na verdade, os preparativos para a partida já tinham sido iniciados antes, quando o centro religioso foi deslocado do Templo para as sinagogas e casas de estudo, os *Batei Midrash*, e quando a língua deixou de ser usada no cotidiano para passar a ser cada vez mais um tesouro encontrado apenas em livros.

Assim, o judeu ficou em estado de sonolência por séculos até que chegaram os tempos modernos destinados a confrontar o povo com diversos dilemas. O iluminismo cultural do século 18 e a emancipação colocaram em crise tanto os judeus da Europa Ocidental como os judeus da Europa Oriental. Ahad Haam apontava então, em 1910, que a religião judaica estava em crise, a língua antiga encontrava-se em processo de esquecimento e a nova literatura escrita no século



18 em hebraico do estrato bíblico, estava sendo abandonada devido ao avanço da assimilação cultural e religiosa.

Diante da crise havia alguns que apontavam que para salvar o judaísmo, a religião devia ser fortalecida pois, graças a ela, o povo sobreviveu a dois mil anos de exílio. Para estes, Ahad Haam respondia que a religião depende da fé e esta depende do momento histórico e que isto não está atrelado a imposições coercitivas, depende da decisão pessoal de cada indivíduo. Por esse motivo, Ahad Haam sustentava que era preferível dedicar todas as energias a desenvolver a língua e a literatura. Por outro lado, havia aqueles entre os judeus que argumentavam que era impossível investir energias numa língua que não estava viva e por isso a língua e sua literatura estavam destinadas a permanecer como patrimônio de um pequeno grupo de “eleitos”, pois a maioria dos judeus era incapaz de compreendê-las e utilizá-las de forma natural.

Mas diante de tantas discussões antagônicas a respeito da preservação do judaísmo e as perspectivas para o futuro, eis que surgiu um grupo curioso no entendimento de Ahad Haam, grupo este que se originou “na rua”, referindo-se a um movimento cultural de caráter popular que se propôs a solucionar a questão da existência nacional do povo judeu de uma forma simplista. Referindo-se ao grupo de intelectuais em língua ídiche que dois anos antes em 1908 tinham proclamado esta como “a língua nacional”, Ahad Haam disse que este grupo pretendia reescrever a história judaica colocando seu início de forma repentina 400 anos antes, dando a entender que esta na verdade teria se originado na Alemanha, na Polônia e na Lituânia, terras nas quais criaram uma língua: o judeu-alemão. Este grupo trouxe à tona uma nova base para a existência judaica: a questão da língua nacional, o que, no entendimento de Ahad Haam, era uma língua viva não em livros senão que na boca de boa parte do povo. À tentativa da Conferência de Czernowitz de mudar o rumo da história, Ahad Haam disse:

Uma língua nacional não pode ser compreendida apenas como a língua falada por uma nação. Para que uma língua seja elevada ao patamar de língua nacional não basta que ela seja uma língua materna, é preciso que ela contenha o tesouro espiritual da nação carregado de geração em geração. (AHAD HAAM, 1974, p. 299)



Se entre as grandes nações do mundo desde o dia em que estas se reconheceram como tais e até os tempos atuais esses povos mantiveram uma língua e não a trocaram por outra, argumenta Ahad Haam, o que dizer então do povo judeu e de sua língua nacional? Mesmo se todo o povo judeu se levantasse numa determinada manhã e proclamasse: “Nossa língua nacional morreu, viva nossa nova língua nacional” seria absolutamente impossível coroar o ídiche mediante uma mera declaração:

Uma língua nacional se eleva a este patamar elevado de por si através do labor de todas as gerações que nela estão contidos. Se a língua nacional morre, morre com ela também o espírito da nação e nenhuma outra língua poderá substituí-la. (AHAD HAAM, 1974, p. 300)

Nos últimos tempos, diz Ahad Haam ainda em *Riv Haleshonot*, temos presenciado o hasteamento da bandeira do “nacionalismo do jargão”, justamente agora que o jargão de por si está em processo de decadência. Enquanto o jargão foi verdadeiramente uma língua falada por muitos dos judeus da Europa Oriental e ela estava vibrante na boca dos pais e dos filhos e estava ligada a suas vidas com um laço forte e único, nunca poderia ter surgido uma ideia desta de proclamar o ídiche como a nossa “língua nacional”, pois, juntamente ao jargão, estava vivo o reconhecimento do valor verdadeiro da língua de base, ou seja, todos reconheciam e sabiam muito de perto qual é a nossa “língua nacional”, à qual está ligada a alma do povo por meio de sentimentos de apreço, honra e orgulhos nacionais. No dia a dia, tanto em casa como na rua e no comércio, eles utilizavam-se da língua popular, o ídiche, mas na sua mente e coração cada judeu sabia qual a posição do hebraico. Ahad Haam afirma:

Suas mentes e corações, seus sentimentos sobre a santidade, suas alegrias e tristezas, lágrimas e súplicas, tudo o que pareceu a seus olhos como imprescindível para moldar a memória a ser transmitida como herança para as gerações vindouras, para tudo isso eles se valiam do tesouro e da riqueza contidos na única e verdadeira língua nacional (a língua hebraica). (AHAD HAAM, 1974, p. 301)



Mesmo as mulheres e os mais humildes que não tiveram o privilégio de conhecer a língua ancestral e para os quais foram escritos livros de leitura na língua falada, no jargão, até mesmo eles sabiam que aquela língua falada na qual eles liam, não era a língua nacional. No entanto, eles assumiam o imperativo de ao menos tentar, de todas as formas transmitir, a seus filhos a obrigação de aprender a língua dos antepassados bíblicos que eles mesmos não puderam aprender por circunstâncias da própria vida. Justamente nesse momento, argumentava Ahad Haam, quando o jargão entrou também em declínio no final do século 19 e a nova geração dele se afasta, enquanto crescia a consciência na mente do povo de qual deveria ser o real lugar do jargão, foi justamente nesse momento que surgiu um grupo que pretendia embelezar essa língua elevando-a ao patamar de língua nacional. Além de criticar e se opor à própria discussão que ele encarava como surreal entre os defensores das duas línguas, Ahad Haam via como anacrônica e até uma prova da situação caótica que o povo judeu vivia de não saber discernir ainda qual devia ser sua língua nacional em pleno século 20. Ele também criticava os defensores da língua hebraica que se mostravam ainda temerosos diante do suposto avanço dos defensores do jargão e não se apresentavam suficientemente combativos como aqueles se insinuavam.

Para Ahad Haam, não se podia culpar o ídiche pelo desuso do hebraico através dos tempos. Ele reconhecia que foram fatores históricos que o diminuíram, milhares de anos atrás. Com o passar do tempo, os judeus tiveram que aprender dezenas de línguas além de outros “jargões”. Mas agora, no início do século 20, o ídiche já tinha segundo sua opinião cumprido seu papel histórico e diante do acordar político da nação, essa língua tinha se tornado um anacronismo devendo ceder seu lugar para a verdadeira língua de base, a língua histórica. Mesmo que na primeira década do século 20 reviver o hebraico mostrava-se ainda uma tarefa nada fácil, para Ahad Haam, esse renascimento era um fato inevitável e impossível de ser detido. E eis os argumentos para tal posicionamento:

O judeu lê hebraico pela simples razão de ele ser um hebreu e por que ele sente em sua alma uma ligação interna com a língua nacional e com sua literatura religiosa ou secular. É verdade que nossa língua e sua literatura vivenciam hoje um período de queda, mas esse é o destino de uma nação que depende da boa vontade e da opinião dos outros, ou seja, seu desenvolvimento não é normal e reto, ele ocorre passo a passo e este andar é



interrompido repentinamente por ascensões e declínios provocados por fatores externos. No entanto, a história nos ensina que em momentos de queda nosso povo sempre viveu na esperança de um novo ressurgimento, e ele nunca se deixou abater pela desesperança. (AHAD HAAM, 1974, p. 303–304)

Quase que como um trágico visionário, Ahad Haam vislumbrou o fim do ídiche assim como da cultura e literatura produzidas nesta língua:

Não temo o avanço do jargão (ídiche). Que sejam escritos bons livros no jargão conquistando leitores entre o povo. De todas formas uma literatura nacional não será criada nessa língua. O que está destinado a ser preservado como patrimônio para as próximas gerações, apenas em hebraico será perpetuado. Foi assim que ocorreu com todos os livros que foram escritos em árabe e em outras línguas, mas todo o resto será esquecido juntamente com o jargão. Alguém é capaz de duvidar que o jargão efetivamente será esquecido em duas ou três gerações? Não está em nossas mãos mudar o destino da história, não há o que fazer para salvar uma língua que está prestes a morrer. E nesse dia em que o jargão deixar de ser uma língua falada, ele não mais existirá nem mesmo como língua literária pois então não será encontrado nenhum judeu que aceitará como um preceito aprender ou ensinar a seus filhos o jargão morto. Mas ao contrário do destino do jargão, sempre existiram e sempre existirão judeus que reconhecerão como obrigação e como preceito aprender e ensinar a nossa verdadeira língua nacional. (AHAD HAAM, 1974, p. 304)

* **Gabriel Steinberg** é professor doutor de Língua Hebraica do Departamento de Letras Orientais da FFLCH/ Universidade de São Paulo.



Notas

¹ O termo aparece na Bíblia em Gênesis 26,10.

² Odessa – Cidade portuária ucraniana às margens do Mar Negro. No século 19, era a terceira cidade mais importante do Império Russo atrás apenas de Moscou e São Petersburgo. Os judeus se estabeleceram na cidade no século 19 quando esta se tornou um porto livre. Calcula-se que a população judaica somava mais de 160 mil pessoas no final do século, o que a tornou na maior cidade de população judaica do Império. Os judeus russos sofreram vários *pogroms* como os de 1881 e 1905 o que fez com que no final do século 19 se consolidasse na cidade o movimento do iluminismo judaico, e muitos judeus passaram a frequentar escolas e universidades ao mesmo tempo em foi fundada ali uma escola judaica moderna. Nessa época, foi aberto um centro de apoio ao movimento sionista, e Odessa se transformou numa importante base de atuação do movimento nacionalista judaico. Foi ali também que atuaram os grandes escritores sionistas e pioneiros da moderna literatura hebraica como Bialik e Klausner.

³ *Hamelits* – semanário publicado na Rússia entre 1860 e 1904 em ídiche e hebraico. Circulou durante um período também como jornal diário. Foi a primeira publicação jornalística em hebraico na Rússia. A primeira edição apareceu em Odessa em 29 de setembro de 1860 e o primeiro editor do jornal foi Alexander Tsederboim. Em 1893, a redação foi transferida para a cidade de São Petersburgo onde foi editado até 1904. Entre seus colaboradores aparecem figuras de destaque no movimento da *Hascalá* no país e alguns líderes sionistas. Colaboraram com o jornal entre outros: Yehuda Leib Gordon, Ahad Haam e Moshé Leib Lilienblum.

⁴ Hovevêi Tsion – (Literalmente: “Amantes de Sion”) movimento surgido na Rússia e Romênia por volta de 1880 com o fracasso da emancipação judaica e o aumento das perseguições antisemitas. Como mentores ideológicos dessas associações de jovens que se autodenominaram os Amantes de Sion estavam Moshê Leib Lilienblum e Yehuda Leib Pinsker. Essas associações defendiam o retorno dos judeus a sua terra ancestral. Esta atuação e organização tornou-se no principal precursor do sionismo político moderno, surgido por inspiração principalmente de Theodor Herzl a partir da publicação de *O Estado Judeu* em 1896 e, posteriormente, da convocação do primeiro Congresso Sionista na Basileia em 1897.

⁵ Texto que faz parte do manifesto escrito por Ahad Haam *Emet meEretz Israel* (A Verdade da Terra de Israel) em 1891 na viagem de volta de Jaffa para Ucrânia e publicado no mesmo ano no jornal em língua hebraica *Hamelits* em Odessa.



⁶ Texto que faz parte do manifesto escrito por Ahad Haam *Emet meEretz Israel* (A Verdade da Terra de Israel) em 1893 em Jaffa e publicado no mesmo ano no jornal em língua hebraica *Hamelits* em Odessa.

⁷ A influente Companhia Editorial Achiasaf foi fundada em Odessa por Ahad Haam. Posteriormente, Shakhno Tseplovich que chegou à Palestina proveniente de Vilna, fundou com autorização dos herdeiros de Ahad Haam a editora com o mesmo nome em Israel, em 1937.

⁸ *Altneuland* – romance utópico publicado em alemão por Theodor Herzl em 1902. Essa obra começou a ser escrita após a visita que Herzl fez à terra de Israel pela primeira vez em 1898, um ano após o Congresso Sionista da Basileia. No romance, Herzl expõe sua visão sobre o Estado dos judeus que iria ser criado. Inicialmente o livro teria como título *A nova Sion*, porém, posteriormente, ele mudou o nome para *Altneuland*, que significa “Velha e Nova Pátria”. O livro foi traduzido para o hebraico no mesmo ano de sua publicação em alemão. A tradução foi feita por Nahum Sokolov, influente líder sionista que lhe deu o nome de *Tel Aviv*. Tel é um sítio antigo, um sítio arqueológico, e a palavra Aviv significa primavera, como símbolo do renascimento judaico. É interessante destacar que a primeira cidade hebraica da era moderna surgida nas areias próximas à cidade de Jaffa em 1909 com o nome original de Achuzat Bait, teve seu nome mudado oficialmente para Tel Aviv em 1910. Em *Altneuland* aparece também a frase que se transformou em lema do movimento sionista: *Im tirzu ein zo agadá*, significando: “Se vocês o quiserem, isto não será uma lenda”.

⁹ *Haschiloah* – jornal em língua hebraica criado por Ahad Haam em Odessa no ano de 1896 e que era publicado mensalmente em Berlim. Em 1920, a redação foi transferida para Jerusalém onde continuou sendo editado até 1927, ano do falecimento de Ahad Haam.

¹⁰ Esta crítica de Ahad Haam foi publicada no jornal em língua hebraica *Haschiloah* em 1903 no artigo intitulado: *Tchiyat Haruach* (O renascimento do espírito judaico).

Referências

AHAD HAAM (GUINSBERG, Asher Zvi Hirsch). Lo ze haderech (Não é este o caminho). Disponível em: <<http://benyehuda.org/ginzberg/Gnz001.html>>. Acesso em: 17 mar. 2014.

AHAD HAAM (GUINSBERG, Asher Zvi Hirsch). Emet me Eretz Israel (A verdade da Terra de Israel). Disponível em: <<http://benyehuda.org/ginzberg/Gnz002.html>>. Acesso em: 17 mar. 2014



AHAD HAAM (GUINSBERG, Asher Zvi Hirsch). Lesheelat halashon (A respeito da questão da língua). Disponível em: <<http://benyehuda.org/ginzberg/Gnz016.html>>. Acesso em: 17 mar. 2014.

AHAD HAAM (GUINSBERG, Asher Zvi Hirsch). Medinat hayehudim vetsarat hayehudim (O Estado judaico e o problema judaico). In: AHAD HAAM. *Al parashat drachim* (Na encruzilhada). Tel Aviv, Dvir, 1974.

AHAD HAAM (GUINSBERG, Asher Zvi Hirsch) Riv leshonot (A disputa das línguas). In: AHAD HAAM. *Al parashat drachim* (Na encruzilhada). Tel Aviv: Dvir, 1974.

AVINERI, Shlomo. *La Idea Sionista, notas sobre el pensamiento nacional judio*. Jerusalém: La Semana Publicaciones, 1983.

BEN YAACOV, Yochanan. *Mea Shanim le Veidat Haleshonot veleRiv Haleshonot* (Cem anos da Conferência das Línguas e da Disputa das Línguas). Disponível em: <<http://cms.education.gov.il>>. Acesso em: 21 jan. 2013.

LACHOVER, P. *Toldot hassifrut haivirt hachadasha* (A história da literatura hebraica moderna). Tel Aviv: Dvir, 1966.

SACHAR, Howard. *História de Israel I*. Rio de Janeiro: A. Koogan Editor, 1989.